

Ermelinda A. Paz

Professora, pesquisadora e "desconhecida"

FRANCISCO DUARTE

Poucos conhecem de nome ou figura a professora e pesquisadora Ermelinda A. Paz Zanini. Mas faz 17 anos que, mestra de percepção e apaixonada por figuras musicais de nosso meio, ela vem ganhando prêmios e produzindo pesquisas sobre a arte popular, nas áreas folclórica, didática e rememorativa. Apesar disso permanece, para o grande público, no limbo da atividade, esforçando-se apenas para pesquisar e produzir com gosto e habilidade. Sem queixa ou desabafo.

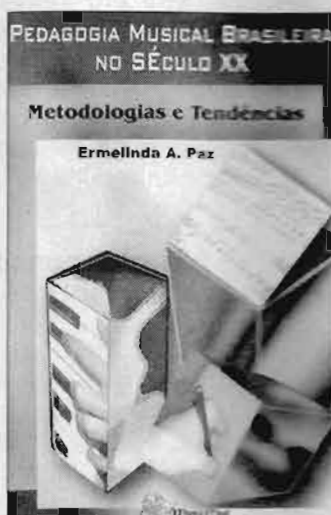
Mestra-professora de percepção musical da UFRJ, entre outros títulos, e pesquisadora infatigável, Ermelinda publicou os livros "As pastorinhas de Realengo" (1987); "500 canções brasileiras" (1989); "Villa-Lobos, o educador" (1989); "Estruturas Modais da Música Folclórica Brasileira" (1993); "Estudo sobre as Correntes Pedagógicas Musicais" (1993); e "Jacob do Bandolim (biografia)", (1997). Resultantes dos prêmios ganhos em 1983 - Concurso Sílvio Romero, em 1988 - Museu Villa-Lobos; em 1988 - Org dos Estudos Americanos e Inst. Nacional de Estudos Pedagógicos, no mesmo ano. Finalmente, em 1989 - Concurso de Mono-



grafias da Funarte e em 1995 - Sec. Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

Neste ano que finda Ermelinda Paz produziu mais dois livros: "Pedagogia Musical Brasileira do Século XX" (Editora Musimed); e "Villa Lobos - Sódade do Cordão", lançado pela Fund. Univ. José Bonifácio.

O primeiro, examina, à luz da didática, as várias metodologias que marcaram a educação musical brasileira, nos últimos 70 anos, através de figuras como Gazzzi de Sá, Sá Pereira, Liddy Mignone, H.J. Koellreuter e Esther Scliar. Sem esquecer Villa Lobos, um quase símbolo nos estudos e mística da professora Ermelinda Paz. O livro abrange propostas de pesquisa e de renovação do ensino musical, em discussão



nos meios didáticos.

No segundo - "Villa Lobos - Sódade do Cordão" - a presença da cultura popular é mais constante. Resume, mas esmiúça, o estudo da tentativa de revigoração do carnaval popular carioca, no ano de 1940, realizada por Villa Lobos, buscando recuperar uma antiga modalidade de "brincar" carnaval - com instrumentos de percussão e cordas e as figuras dos índios, velhos, diabos e palhaços - que João do Rio tão bem descreveu em uma de suas crônicas e que Villa Lobos conhecia por haver vivido aquela fase da festa popular. Uma figura ímpar - José Gomes da Costa (Pai Alufá ou ainda o lendário Zé Spinguela) foi convocada para ensaiar e como mestre geral do evento.

Só o imenso prestígio de Villa Lobos ao tempo conseguiria arrancar nos gabinetes oficiais as verbas necessárias para financiar a ressurreição de uma modalidade de carnaval, que no começo do século era espontânea, uma ação entre amigos. Passos e coreografia, fantasias e máscaras, personagens e figurações, tudo foi posto na rua, numa apresentação que rendeu, ao tempo, nas colunas da imprensa carnavalesca. Tudo recuperado com arte e esmero, para as apresentações no Carnaval de 1940. O mesmo se deu com a pesquisa: arte, dedicação e análise são prancheta, compasso e esquadro no trabalho feito por Ermelinda Paz Zanini. Tudo endossado por Turíbio Santos, diretor do Museu Villa Lobos.

Se não consagra, apenas exalta, a brasilidade de Villa Lobos, "Sódade do Cordão" relembra uma imagem, uma faceta bonita do carnaval do passado. Se não consagra, o livro sobre o tema dignifica e reforça a imagem da professora Ermelinda Paz Zanini como grande pesquisadora e estudiosa da cultura popular e da arte/sensibilidade de Heitor Villa Lobos.

Francisco Duarte é redador da coluna "Memória" do Jornal do Commercio e pesquisador de Cultura Popular